

O mapa do Centro de Mídia Independente Brasileiro

Diego de Carvalho

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil

E-mail: diegodcarv@uol.com.br

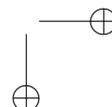
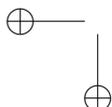
O mapa de Deleuze e Guattari

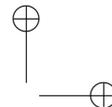
O objeto de estudo da analítica de Deleuze e Guattari é o mapa. Este é composto por linhas molar, molecular e de fuga. A linha molar diz respeito a estados definidos, modelos dominantes divididos binariamente: classes (dominante e sujeitada), sexos (homem e mulher), raças (brancos e outros), idades (adulto e criança), etc. Entretanto “até mesmo as margens de desvio serão medidas segundo o grau da escolha binária: você não é nem branco nem negro, então é árabe?” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 31).

A linha molecular concerne aos devires. Devir é processo de diferenciação, agenciamento, aliança, evolução a-paralela entre elementos heterogêneos. O devir difere dos estados definidos:

em suma, entre as formas substanciais e os sujeitos determinados, entre os dois, não há somente todo um exercício de transportes locais demoníacos, mas um jogo natural de hecceidades, graus, intensidades, acontecimentos, acidentes, que compõem individualizações, inteiramente diferentes daquelas dos sujeitos bem formados que as recebem. (DELEUZE; GUATTARI, 2005a, p.38)

Se as minorias em nível molar pedem seu reconhecimento, em nível molecular possibilitam um devir-menor da sociedade. “[...] é preciso não confundir ‘minoritário’ enquanto devir ou processo, e ‘minoría’ como conjunto ou estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 88). As minorias “[...] representam não só pólos de resistência, mas potencialidades de processos de transformação que, numa etapa ou outra, são suscetíveis de serem retomados por setores inteiros das massas” (GUATTARI, 2005, p. 88). Um devir-mulher, não se parece com a mulher como estado, como gênero definido socialmente, mas é experimentação de intensidades de feminilidades mesmo pela mulher. Assim são possíveis negritudes, feminilidades, homossexualidades, infantilidades para todo o social.





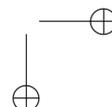
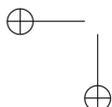
Devir é ruptura principalmente com o modelo dominante: o homem branco, adulto, europeu, racional. A experimentação do devir não se dá no nível do imaginário, dos sonhos, é produção de territórios singulares que criamos (no sentido que dá Guattari, [2005]), nos quais ultrapassamos os estados duros e seus dualismos da linha molar.

A terceira linha é a de fuga. As linhas molar e molecular derivam dela. As minorias em geral (moleculares), como as mulheres, os homossexuais, as massas¹, estariam ora sendo reterritorializadas nas estruturas endurecidas (molares), buscando reconhecimento, sendo recuperadas (no caso das massas, se estabilizando como classe), ora seguiriam linhas de fuga, como nas revoluções de 68. “A linha de fuga é uma desterritorialização [...] fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano [...]” (DELEUZE; PARNET, p. 49, 1998). Os movimentos de desterritorialização e reterritorialização acontecem ao mesmo tempo: é feita ruptura, se traça uma linha de fuga, mas se reterritorializa em algo, o que importa é em que.

No entanto como as linhas acontecem no mesmo plano, não há dualismo entre molar e molecular: “toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular” (DELEUZE; GUATTARI, 1999: p. 82). “[...] em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades [molares] mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 11). Todos os tipos de luta, de resistência são molares e moleculares. Como também as linhas de fuga e a molecular não são necessariamente positivas. Uma linha de fuga pode levar a morte; há fascismos moleculares de bando. “O que nos diz que, sobre uma linha de fuga, não iremos reencontrar tudo aquilo de que fugimos?” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 51).

Consideramos que não há precisão para descrever essas linhas: “nada mais complicado do que a linha ou as linhas” (DELEUZE; PARNET, p. 159, 1998). A linha de fuga, na obra dos autores, em alguns momentos se confunde com

1. Deleuze e Guattari re-significam o conceito de massa; estas, no caso, não dizem respeito apenas a agrupamentos sociais, mas a massas monetárias, massas burguesas, etc. No que concerne a agentes sociais, a massa se opõe a classe, esta como modelo dominante, sujeito legitimado do marxismo que seria o motor da história. A massa concerne às minorias, que escorrem entre as classes e têm seus próprios movimentos, objetivos e formas de lutar. A importância de Maio de 68 seria seu acontecimento de massa (DELEUZE; GUATTARI, 1999).



a molecular. “[...] são absolutamente necessárias expressões inexatas para designar algo exatamente.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 32).

Entretanto Negri e Hardt, em *Império* (2005), dizem que as oposições binárias, os estados definidos da linha molar são próprios à tradição moderna. Na crise dos valores modernos, na pós-modernidade, há processo de valorização da diferença, que não é necessariamente positivo. As mulheres, os negros, os homossexuais são cada vez mais incluídos, recuperados pelo capital; o Império² se alimenta da diferenciação. Isso é visto nos inúmeros produtos criados pela indústria cultural para essas supostas minorias, consideradas como segmentos: revistas, filmes, programas de TV. Como é dito em *Multidão*:

“no império [...] toda a população global tende a tornar-se necessária ao poder soberano, não só como um conjunto de produtores, mas também como consumidores, usuários ou participantes do circuito interativo da rede.” (NEGRI; HARDT, 2005, p.420)

Para Deleuze e Guattari não há devir-homem, mas devires do homem, pois ele “[...] é majoritário por excelência, enquanto que os devires são minoritários” (DELEUZE; GUATTARI, 2005a, p. 87). Nesse processo do capital de recuperação, as mulheres, raças, os homossexuais possibilitam ainda devires minoritários ou começam a fazer parte de certos modelos dominantes? Quais negritudes, feminilidades, homossexualidades, diferentes destas recuperadas pelo capital são ainda possíveis?

Devemos enfatizar que devir não se refere apenas a sujeitos, mas também a animais e plantas (os devires orquídea da vespa e vespa da orquídea, tão famosos de *Mil Platôs* [2004]), organizações sociais, línguas, à arte, etnias, o mundo, etc. Segundo Giuseppe Cocco, teórico que reside no Brasil, companheiro de escrita de Antonio Negri, em seu livro *MundoBraz* (2009), na crise da modernidade há a possibilidade de devir que agencia elementos heterogêneos como homem, animal, ferramenta e ambiente. Esse devir, proposto por Cocco, permite a linha de fuga da dominação do homem, sujeito, a partir do trabalho, em relação à natureza, objeto.

Também Cocco propõe mais dois devires: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo que aconteceriam conjuntamente. Em *MundoBraz* ele expõe as teses da brasilianização do mundo, que seria a periferização, a fa-

2. O Império é o poder global em rede formado pelos Estados-nação dominantes, megacorporações e instituições supanacionais.

velização, o terceiro mundo cada vez mais presente no primeiro. Como este processo é global, concerne à ordem mundial, o Brasil seria o seu próprio futuro. Entretanto há linhas de fuga possíveis, o devir-Brasil do mundo e o devir-mundo do Brasil, nos quais o terceiro mundo aparece como potência, como veremos mais adiante.

Mapeamento do CMI-Brasil

O CMI-Brasil é movimento de resistência midiática que tenta produzir jornalismo diferencial ao da mídia hegemônica e em sua organização busca criar espaço de experimentação de democracia³ direta. O CMI é rede de coletivos, formado por sujeitos e grupos diferenciados espalhados por inúmeras regiões do país. Nele não há hierarquias e centros de poder, os coletivos são autônomos, mas agem em comum. Esta seria uma boa definição do conceito de multidão⁴: reunião de singularidades que produzem em comum; por isso dizemos que CMI-Brasil cria um jornalismo de multidão.

Os coletivos são segmentos que organizam o CMI: há coletivos em localidades diversas que são encarregados de pôr em funcionamento os projetos da rede, o qual o principal é o site. A organização se dá em listas de discussão. Fizemos pesquisa principalmente das discussões nestas listas e de notícias, de janeiro a maio de 2010, além de analisar documentos que explicam o funcionamento da rede – todos estes abertos para leitura.

O site do CMI é seu mecanismo mais visível, nele estão notícias que tratam de temas sobre grupos de resistência brasileiros e, em número reduzido, latino-americanos. O site é dividido em duas publicações: uma que é feita por seu coletivo editorial, outra por qualquer um mediante mecanismo de publicação aberta. Nestas duas publicações notamos que o CMI não apenas

3. Democracia aqui se refere ao projeto de democracia de Negri e Hardt, no qual inúmeras singularidades diferenciadas agiriam em comum sem que elas perdessem suas especificidades. Esta democracia seria de todos para todos, imanente, pois impede a tomada de poder soberano, transcendente. Uma de nossas hipóteses é de que grupos minoritários, como o CMI, estariam atualizando esse tipo de democracia.

4. A multidão para Negri e Hardt é o motor da história. A multidão difere do povo unificado que corresponde ao Estado, da massa indiferenciada e da classe operária agente político do marxismo. Multidão diz respeito aos movimentos de resistência contemporâneos: migrações, produtores, movimentos por outra globalização.

representa grupos de resistência nas matérias, mas agencia com eles, dando espaço para se exporem, tanto na publicação aberta, quanto na feita pelo coletivo editorial. No último caso os grupos entram em contato com o coletivo editorial, enviando textos que posteriormente são publicados

O CMI-Brasil faz parte da rede indymedia; esta foi criada a partir dos manifestos por outra globalização em Seattle, 1999, que se insurgiram contra o encontro da Organização Mundial do Comércio. O CMI brasileiro foi criado um ano depois, fruto dos movimentos por outra globalização no Brasil.

Propomos mapear o CMI-Brasil a partir dos conceitos antes expostos; assim podemos dizer que este e a rede indymedia surgem mediante uma linha de fuga frente à ordem global produzida pela multidão, levando-a a se reterritorializar em uma organização que mesmo sendo relacionada a esses movimentos é autônoma – hoje principalmente o CMI brasileiro. Como também podemos dizer que houve desejo concreto de escapar, desterritorializar, fugir do modelo dominante do jornalismo em ação pós-midiática⁵ que foi seguida de reterritorialização, a outra mídia possível do CMI.

Consideramos certos elementos do CMI-Brasil como molares, por serem endurecidos, estáticos, definidos, bem formados, além disso, alguns destes elementos submetem a certa ordem sujeitos e grupos, o que reproduz dicotomias. O site é mecanismo com organização fixa. Há espaço com destaque para a publicação feita pelo coletivo editorial, e um outro espaço reduzido para a publicação aberta – neste há excesso de notícias, diariamente são dezenas, o que impede sua leitura integral. Isso torna essa publicação marginal.

Como o CMI tenta experimentar democracia direta, ele é aberto, sujeitos e grupos podem formar novos coletivos ou se juntar aos existentes; no entanto os coletivos que pretendem fazer parte da rede têm que aceitar regras pré-estabelecidas: ter no mínimo cinco participantes, um deles deve ter conhecimento de informática, o que é importante, pois o funcionamento da rede depende de mecanismos digitais. Também há exigência de participação ativa; por isso hoje inúmeros coletivos estão em pré-formação, esperando serem efetivados na rede.

Para que um novo coletivo passe a fazer parte da Rede CMI Brasil, é preciso que ele seja aprovado pelos demais coletivos locais. Esse processo existe

5. O conceito de pós-mídia aparece em inúmeros textos de Guattari, (2007, 2006, 2005). A pós-mídia seria “[...] reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeito, capazes de geri-la numa via de ressingularização (p. 46, 2007).

para garantir que entrem para a rede apenas coletivos que construam, ao longo de sua formação, uma boa dinâmica de trabalho e afinidade com os demais coletivos em relação aos princípios da Rede Global e da Rede CMI Brasil. De qualquer forma, como estes princípios foram criados de forma a estimular a pluralidade dentro da rede, dificilmente eles representarão um empecilho para a formação de novos coletivos. (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilNovosColetivos>)

Quanto às notícias, há direcionamentos para as publicações, uma política editorial que impõem formas aos textos. Estas formas são próprias ao jornalismo hegemônico. Nos documentos da rede global é dito que os centros de mídia independentes buscam publicar notícias exatas, verdadeiras, honestas (<http://docs.indymedia.org/view/Global/FrequentlyAskedQuestionEn>). No manual do coletivo editorial do CMI-Brasil, a forma do lead é sugerida

É muito importante que os editoriais sejam sintéticos e objetivos. Em geral, as primeiras frases devem ser objetivas e responder às 6 questões: O que? Quem? Onde? Quando? Como? Por que? (http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/editorial.shtml#Como_publicar_um_Editorial)

Em relação à padronização da linguagem, na lista do coletivo editorial houve boa discussão em torno de um dos mecanismos de tomada de decisão que acabou culminando no tema sobre a linguagem usada nas matérias:

[...] Temos entre os coletivos aqui presentes uma tendência forte em se valorizar as linguagens não acadêmicas e não jornalísticas, diferentes das linguagens de elite usadas em nosso site. Outros preferem, em nome da “clareza”, que os editoriais predam-se mais à “norma culta” e estilos convencionais criados nas academias e mídia corporativa. Até aí tudo bem. Temos também aqueles que defendem que esses vários estilos tenham todos o seu espaço na publicação de editoriais. Esse grupo, geralmente o mesmo que valoriza linguagens populares, artísticas e experimentais [...] Porém, outro grupo prefere afunilar o estilo existente na coluna do meio [...]. Geralmente é o mesmo grupo que simpatiza com as formas de estilo similares à das elites deste país. (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-May/0525-1b.html>)

Esse conflito interno entre a busca de linguagens minoritárias, sem forma definida, moleculares, e a sobre-codificação pela norma culta, por linguagens hegemônicas, molares, expõe a ambigüidade do CMI-Brasil: tenta criar movimentos livres, mas para funcionar em certos momentos tem que endurecer.

Percebemos também a reprodução de dicotomias que formata as singularidades que fazem parte da rede nos dois tipos de publicação; dicotomias como: interno e externo, quem é membro e quem não é; isso também pode ser visto nas relações entre coletivos em formação e os já formados. Como o coletivo editorial tem poder quase soberano em relação aos outros colaboradores, o corte mais importante seria entre dominantes e dominados.

Porém para nós, no CMI a linha molar tenta ser impedida mediante experimentação de democracia em ambiente local da rede. A linha molecular apresenta uma organização disforme, em movimento, em devir. Consideramos como elementos da linha molecular os seus processos que impedem estados definidos, áreas de indiscernibilidade.

No CMI não há profissionalismo, mas também os produtores não são amadores, eles são outra coisa não muito bem definida, algo entre produtores e usuários. O território criado está entre o jornalismo tradicional, a produção colaborativa da Internet – que em parte difere da internet recuperada por grandes corporações – e as resistências. Ou seja, é difícil defini-lo apenas como jornalismo, um estado estável.

Quanto à política editorial, ela não pode ser comparada a regras endurcidas como nos manuais de redação. O manual do CMI-Brasil (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilManualRedacao>), que comentamos, é de apenas meia página. As exigências que direcionam os conteúdos das notícias são mínimas, ou melhor, centram-se na cobertura de temas ligados à multidão, o que é razoável. Em nossa análise das notícias publicadas, algumas delas não tinham a forma do texto jornalístico, eram ensaios, poesias, manifestos, isso é em parte incentivado.

O movimento que desfaz as formas e impede a estabilidade faz parte do processo do CMI brasileiro: coletivos podem surgir, variar no número, ser desligados da rede; colaboradores participam com mais intensidade se quiserem, mas a rede se mantém. Mesmo o site que por motivos técnicos tem que ser organizado e estruturado, está no momento sendo reformulado na tentativa de deixá-lo, tanto mais atraente, funcional, quanto de dar continuidade ao processo de democratização⁶.

6. Faz parte dos objetivos da pesquisa a análise das funcionalidades do novo site, como elas permitirão a criação de território em que não haja dicotomias como dominantes e dominados, no entanto neste texto nos deteremos nisso.

Os elementos da linha molar são afrontados constantemente pela linha molecular do CMI-Brasil. Aliás, por tudo isso, o jornalismo do CMI-Brasil é de multidão, pois a multidão é composta de tantos elementos heterogêneos, que é impossível a capturar em um estado; e mais, a multidão, como conceito de Negri e Hardt, o seu projeto, ainda não foi formada, está por vir.

Devir-pobre do jornalismo

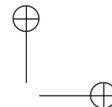
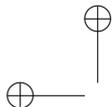
Agora que já foram expostos elementos moleculares do CMI, propomos experimentar conceito, um devir, um devir-pobre do jornalismo, agenciamento entre pobreza e o CMI-Brasil. Até este momento da construção do conceito, delineamos algumas de suas características, todas relacionadas ao CMI: 1. Conexões, associação com os pobres como estado. 2. Experimentação de intensidades de pobreza: o CMI se mantém voluntariamente como organização de poucos recursos, pobre. 3. A pobreza não é miséria, mas sim potência. 4. Esse devir é resistência principalmente em relação ao jornalismo dominante.

Daremos mais atenção às duas últimas características nesta seção, pois as outras duas serão trabalhadas, de forma mais aprofundada, em outro artigo que se centrará na pesquisa empírica do CMI-Brasil.

A pobreza como potência

O conceito de devir-pobre é proposto, pois vivemos no Brasil, um país favela, um país paradoxal, no qual a economia emergente que aponta para o primeiro mundo, para se manter, necessita deixar grande parte da população em estado de miséria. Ou seja, conhecemos muito bem a pobreza, convivemos com ela há muito tempo.

Segundo Cocco (2009) – como também, Deleuze, Guattari, Negri e Hardt – a dicotomia norte-sul, que dividia o mundo entre ricos e pobres, subdesenvolvidos e desenvolvidos, no pós-moderno é desfeita. Países pobres apresentam ilhas de riqueza, de primeiro mundo, como países ditos ricos têm um sul que os percorre, levas de pobreza. Também, para esse autores, os pobres são criativos, resistem a sua condição, desejam uma outra realidade, a sua biopolítica. Cocco criou um conceito que concerne a essa riqueza, o de devir-Brasil do mundo:



O devir-Brasil do mundo aparece como horizonte aberto dos possíveis, da potência produtiva que, pro exemplo, encontramos no êxodo rural, na auto-construção do espaço urbano, na música negra e na cosmologia ameríndia. (COCCO, 2009, p. 157)

A riqueza dos pobres (aliás, esse é título de capítulo do livro *Multidão*) pode ser contemplada em alguns exemplos. Moradores de rua sabem o que fazer (seus saberes, sua riqueza) para viver em condições de miséria total. Aliás, como a produção no pós-moderno se confunde com a reprodução, ela não se limita ao trabalho assalariado; segundo Virno no paradigma de produção contemporâneo, o imaterial:

trabalho e não-trabalho desenvolvem idêntica produtividade, baseada sobre o exercício de faculdades humanas genéricas: linguagem, memória, sociabilidade, inclinações éticas e estéticas, capacidade de abstração e de aprendizagem. (VIRNO, p. 65, 2003)

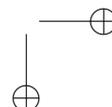
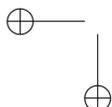
Outro exemplo seria o caso de nações do sul, os países considerados pobres, que são os mais ricos em biodiversidade do planeta. Os movimentos globais de migração, feitos pelos pobres, dão forma ao mundo ao trazerem sua riqueza – sonhos, conhecimentos, relações –, permitindo um devir diferencial ao mundo, seu devir-Brasil, que se opõe a construção do mundo pelo Império, o biopoder.

Ou seja, riqueza aqui não faz parte do dualismo riqueza-pobreza dos economistas, dos políticos, das mídias, centrados em um modelo de crescimento econômico. Aliás, o modelo de riqueza dominante é paradoxal, pois o crescimento econômico impõe a uma gama enorme da população global, a miséria.

A resistência do devir-pobre

Esse devir é processo de diferenciação em relação ao jornalismo hegemônico – por isso devir-pobre do jornalismo. Este reproduz modelo de riqueza e pobreza no qual a riqueza é louvada e a pobreza é considerada com mal a ser erradicado. Assim representa os interesses dos ricos e faz da pobreza algo negativo, indesejável. Por isso a resistência ao jornalismo hegemônico também é resistência anticapitalista.

Tomamos como ponto de partida para a construção do conceito alguns dos trabalhos de Marocco (1997, 2004, 2007), que agenciam o jornalismo, os ex-



cluídos e o trabalho de Michael Foucault. Marocco possibilita a compreensão do jornalismo como mecanismo de exclusão, que vigia e faz punir singularidades da multidão de pobres. Este jornalismo tenta eliminar a potência das singularidades, as tornando massa sujeitada. Marocco enumera algumas atribuições negativas que o discurso jornalístico impõe aos pobres:

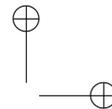
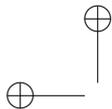
1. ele desafia e rompe com os valores "verdadeiros" da sociedade, como a propriedade, no caso dos sem-terra; 2. é um perdedor nos conflitos discursivos para as "versões" oficiais sobre o acontecimento, mas continua compactuando com o discurso; 3. é uma ameaça à segurança; 4. representa os padrões de não-beleza. (MAROCCO, 1997, p.3)

Marocco em *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico* (2004), dá atenção à construção excludente feita pelo jornalismo brasileiro do século 19, principalmente o porto-alegrense. Entretanto mesmo que faça recorte preciso, ela re-afirma a exclusão na atualidade: hoje são combatidos, na tentativa de serem eliminados, os sem-terra, os meninos de rua, os pobres; como eram as prostitutas, os jogadores e os vagabundos. Para nós, a negação da pobreza e a apologia à riqueza feitas pelo jornalismo interferem na forma como são encarados os pobres e a repressão a eles, como eles mesmos se veem, e também afirma a ordem capitalista.

A exclusão feita pelas mídias faz parte da produção biopolítica de ordem exposta por Negri e Hardt no livro *Império*, o controle contínuo imanente que se dá nas mentes. Para os autores a forma social do Império é a sociedade de controle: intensificação da sociedade disciplinar conceituada por Foucault (1977). Na sociedade de controle não há mais fora, a vida toda é colonizada.

Segundo Negri e Hardt, as mídias criam subjetividades passivas para legitimar o Império: “o imaginário é guiado e canalizado dentro da máquina de comunicação.” (2006, p. 51). “A legitimação da máquina imperial nasceu pelo menos em parte das indústrias de comunicação.” (2006, p.52). Guattari faz constatações parecidas as de Negri e Hardt ao relacionar o capitalismo pós-industrial e a produção de subjetividade feita pela mídia. Para ele, no capitalismo a produção de subjetividades é central (GUATTARI, 2005, 2007). Essa subjetividade é serializada, fabricada em massa, principalmente pelas mídias.

Também os três autores conceituam as formas de resistência: Negri e Hardt a multidão, Guattari a revolução molecular. Para Guattari:



a tentativa de controle social, através da produção da subjetividade em escala planetária, se choca com fatores de resistência consideráveis, processos de diferenciação permanente que eu chamaria de “revolução molecular”. (GUATTARI, 2005, p.54)

Segundo Guattari: “todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se contra o muro da subjetividade capitalística.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005 p.59). O devir-pobre, agenciamento, aliança, com a pobreza, seria processo de singularização que se insurge ao poder das mídias, resistência a essa produção de subjetividade.

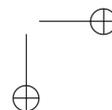
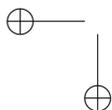
Considerações finais

O devir-pobre do jornalismo do CMI-Brasil seria a possibilidade de ultrapassar a “fábula redundante” (MAROCCO, 2007, p.14) e o “cenário ficcional” (MAROCCO, 1997, p.2) que o jornalismo cria sobre os pobres. Parte de suas notícias é feita pelos pobres brasileiros (alguns exemplos: grupos de resistência como MST, movimentos indigenistas, autogestionários, squatters), e basicamente os conteúdos das matérias do CMI se referem a eles; mas também para nós há potencialidades na pobreza que são experimentadas no CMI brasileiro, que não são associadas apenas à pobreza como estado.

O CMI cria território rico, produtivo por se manter com recursos mínimos, negando relações capitalistas. A rede se sustenta pela boa vontade dos colaboradores, sujeitos e grupos que fazem parte de coletivos, outros CMI's, movimentos ligados as resistências midiáticas. Faz uso engajado das novas tecnologias de comunicação, tecnologia gratuita ou barata. Não é financiado por corporações, a colaboração é voluntária; não usa publicidade, no máximo aceita doações. O motor do CMI é esse trabalho coletivo movido por desejos de outra realidade. O CMI-Brasil permite devir diferencial ao jornalismo por ser projeto de natureza diferente em relação ao grande jornalismo mantido por corporações e somas absurdas.

Referências

- COCCO, Giuseppe. *Mundobraz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 304.



- CMI-Brasil. *Como publicar um editorial*. Disponível em http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/editorial.shtml#Como_publicar_um_Editorial (acesso em: 21 mar. 2009)
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 2004. p. 96.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. p. 120.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005^a. p. 172.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005b. p. 240.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. p. 184.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. História da violência nas prisões. 4^a edição. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 264.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 326.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006. p. 208.
- _____. *As três ecologias*. 16^a ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 56.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005. 530 p.
- _____. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 504.
- Indymedia's Frequently Asked Questions*. Disponível em: <http://docs.indymedia.org/view/Global/FrequentlyAskedQuestionEn>. Acesso em: 10 mai. 2010.
- Lista do Coletivo editorial – 24 de maio de 2010*. Disponível em: <http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-May/0525-1b.html>. Acesso em: 10 mai. 2010.
- Manual de redação*. CMI-Brasil. Disponível em: <https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilManualRedacao>. Acesso em: 10 mai. 2010.

MAROCCO, Beatriz. *A violência e exclusão na ficção jornalística* Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 2, p. 1-9, julho/dezembro 1997.

_____. *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 126.

_____. *Noites de Bagdá*. Terror assombra “guerra urbana” de São Paulo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

Novos Coletivos da Rede CMI Brasil. CMI-Brasil. Disponível em: <https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilNovosColetivos>. Acesso em: 10 mai. 2010.

VIRNO, Paolo. *Gramática da Multidão*. Para uma Análise das Formas de Vida Contemporâneas. Trad. de Leonardo Retamoso Palma. Santa Maria, RS. 2003. disponível em: <http://www.scribd.com/doc/19683449/GRAMATICA-DA-MULTIDAO>. Acesso em: 12 mai. de 2010. s/p.